

A Boca existe, e uma das possibilidades de apreendê-la é conhecer sua localização geográfica. "É a mesma paisagem que circunda qualquer terminal rodoviário ou ferroviário das grandes cidades brasileiras... Tudo sugere decadência, marginalidade e um certo mistério... Então subitamente, cruza-se com uma carroça de madeira onde se equilibram dezenas de latas de filmes. E os homens que a empurram poderiam ser confundidos com mendigos. Mas são os que levam os filmes para a Estação Rodoviária (e Ferroviária), constituindo um dos elos da distribuição cinematográfica do país: são os estivadores do cinema."

Dessa maneira se inicia o texto de um audiovisual elaborado pelo IDART sobre a chamada "Boca de Cinema" de São Paulo, o tradicional reduto do comércio distribuidor, transformado na década de 70 em núcleo mais atuante da produção cinematográfica nacional. Para quem chega pela primeira vez à rua do Triunfo, a impressão certamente não é das melhores. Os botecos, inferninhos suarentos, hotéis de alta rotatividade e a fauna típica que gravita em torno desses lugares, podem sugerir ao olhar ingênuo uma imediata relação de causa e efeito com a pornochanchada. Trata-se de primeiro e grave engano. Explica-se.

A localização da "Boca" neste pedaço da cidade obedeceu a motivos puramente estratégicos. Desde os tempos da Distribuidora Matarazzo (responsável pelos Programas Matarazzo), que mantinha um escritório na Rua General Osório, lá pelos anos 20, ouve-se falar de cinema por ali. Na década seguinte, os lucros obtidos pelas importadoras brasileiras se multiplicaram em razão do crescente mercado cinematográfico brasileiro (em especial o paulista), o que levou os estúdios americanos a cuidarem de sua própria distribuição.⁽¹⁾

Oswaldo Massaini, fundador e diretor-presidente da Cinedistri conhece a região desde 1937, quando ingressou no cinema através de um cargo de auxiliar de contabilidade nos escritórios da Distribuidora Brasileira de Filmes. Ele se lembra das filiais da Fox, Universal, Columbia, RKO-Radio, United, Paramount. A maioria dos escritórios ficava nas proximidades das estações ferroviárias, para facilitar a remessa dos filmes que embarcavam para o interior e Estados vizinhos como Mato Grosso, Minas, Goiás e Paraná, alcançados, naquela época, pelo trem. Muito antes então do bairro de Santa Efigênia tomar a configuração atual, ali estavam as empresas ligadas ao comércio cinematográfico. Portanto, o cinema chegou antes.

Na verdade, "A Boca de Cinema" pode ser identificada com a rua do Triunfo, onde funciona o centro das atividades, um edifício de 10 andares completamente tomado por escritórios, e cujos elevadores transportam gente e latas de filmes. Produtoras, empresas de distribuição, os sindicatos — dos Produtores, Exibidores e mais recentemente, uma sala do Sindicato dos Atores e Técnicos (que timidamente procura agir na Boca), a sede da APACI — Associação Paulista dos Cineastas, Federação dos Cineclubes e outras entidades. Em volta do prédio e nas ruas próximas se espalham mais escritórios, lojas vendendo equipamento para as salas de cinemas, oficinas de manutenção e reparos e pequenos "estúdios" de fundo de quintal, onde se fabricam e constroem equipamentos. Na esquina da Rua do Triunfo com Vitória está a filial da Embrafilme.

Os bares merecem um parágrafo à parte. É neles que, durante uma refeição à base de PF (prato feito) um maquinista ou eletricista pode arrumar trabalho para as semanas seguintes (sem garantias de continuidade, o que significa, na prática, longos períodos de inatividade) e então garantir ao balconista o pagamento das contas penduradas. Atores, mocinhas acreditando no estrelato cinematográfico, figurantes "profissionais", produtores, jornalistas, fotógrafos, todos se encontram ali. Pode ser o Soberano ou o Bar do Ferreira. O primeiro é mais tradicional e testemunhou praticamente todos os momentos de euforia e depressão ocorridos na Boca nos últimos 15 anos. Ao final da tarde os bares ficam cheios de gente e chega o momento da troca de informações. Desde "dicas" sobre uma nova produção que pode dar emprego a alguns, até projetos secretos ou fofocas sobre alguma ocorrência nas filmagens.

Voltando a Oswaldo Massaini — o mais antigo personagem local — e seu início de carreira, vale lembrar que ele monta sua própria empresa em 1949, após trabalhar e conviver longo período com Ademar Gonzaga e a Cinédia. A Cinedistri inicia suas atividades limitando-se à distribuição, e dois anos depois muda-se para a rua do Triunfo, ponto de concentração do comércio cinematográfico. Decorrem mais três anos e Massaini se lança à empreitada mais ambiciosa: a produção. Gradativamente a Cinedistri torna-se uma das empresas cinematográficas mais sólidas do país.⁽²⁾

(1) Para informação mais detalhada sobre este período consultar:

GALVÃO, Maria Rita E. Crônica do Cinema Paulistano, São Paulo, Atica, 1975.

(2) O primeiro filme produzido pela Cinedistri data de 1954. "Rua sem Sol", dirigido por Alex Viany.